



Ajustes pastorais para uma Igreja em Saída

“Vinho novo em odres novos” (Mc 2,22)

Pastoral adjustments for an outgoing church

“New wine in new bottles” (Mk 2,22)

*Rogério Luiz Zanini**

Recebido em: 31/05/2019. Aceito em: 26/07/2019.

Resumo: O Papa Francisco tem insistido, coerentemente com seu testemunho, que a Igreja seja hospital de campanha nas periferias existenciais e sociais. No entanto, o cenário esperançoso alavancado por Francisco parece não surtir os mesmos efeitos nas bases eclesiais. Uma luz que não brilha, um sal que não salga, um fermento que não leveda. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos? Por que não saímos? Qual o problema da paralisia pastoral? É no bojo dessa questão que nasce o texto. Por um lado, busca-se recolher alguns reclamos – queixas –, as ‘uvas azedas’ eclesiais provenientes de lideranças leigas e seus pastores. Por outro lado, elucida-se um caminho de superação, apontando o frescor e o perfume do Evangelho, como ‘vinho novo’ para uma pastoral decididamente missionária. Percorre-se esse caminho, através de uma análise bibliográfica, tendo por suporte as reflexões do Papa Francisco e de outros teólogos.

Palavras-chave: Conversão. Jesus. Pastoral. Cheiro de Povo.

Abstract: Pope Francis has insisted, consistent with his testimony, that the Church be a field hospital in the existential and social peripheries. However, the hopeful scenario leveraged by Francis does not seem to have the same effects on ecclesial grounds. A light that does not shine, a salt that does not salt, a leaven that does not leaven. Who do we want to evangelize with these behaviors? Why don't we go out? What is the problem with pastoral paralysis? It is at the heart of this question that the text is born. On the one hand, it seeks to collect some complaints – complaints – ecclesial ‘sour grapes’ from lay leaders and their pastors. On the other hand, a path of overcoming is elucidated, pointing out the freshness and the fragrance of the Gospel, as ‘new wine’ for a decidedly

* Doutorando em Teologia (PUC-RS, Porto Alegre). Mestre em Teologia Dogmática (PUC-RS, Porto Alegre, 2012). Graduado em História (UNOESC, Chapecó, 2000).
E-mail: zaninipastoral@hotmail.com





missionary pastoral. This path is followed through a bibliographical analysis, supported by the reflections of Pope Francis and other theologians.

Keywords: *Conversion. Jesus. Pastoral. Smell of people.*

O cristianismo é um dom histórico de Deus para a humanidade. Tem sua origem no dom do Verbo encarnado e no dom do Ressuscitado – que por amor transbordante nos cerca – para que, como povo Deus na concretude do tempo e do espaço, sejamos peregrinos do Mestre rumo ao Reino definitivo. Portanto, para aqueles que entendem a Igreja como continuadora do mistério da encarnação-salvação do Filho de Deus na história, sem um modelo estrutural fixo (mental e institucional), a reforma é sempre necessária, sob pena de paralisar o querigma ou prendê-lo em modelos imutáveis.

A porta aberta pelo Papa Francisco, não sem resistência de alguns, certamente caminha nessa direção: uma Igreja em saída que se renove sempre a partir de Jesus e chegue às periferias existenciais e sociais do mundo contemporâneo. Nesse sentido, duas parecem ser as questões, que, aliás, já vêm sendo objeto de reflexão em ambientes eclesiais e teológicos há mais tempo. Primeiramente, como atrair as pessoas, ou “tocá-las existencialmente” (Rahner) em meio aos ruídos urbanos cotidianos de buzinas de carros, trabalhos exaustivos, anúncios de *marketings*, múltiplas promessas de felicidades, etc. A segunda, totalmente conectada à primeira: o que dizer a essas pessoas ou, em palavras técnicas, qual o conteúdo a ser anunciado?¹

Essas duas questões são normalmente consideradas na evangelização *ad extra*. Como atrair as pessoas e qual o conteúdo a anunciar (evangelizar). O caminho *ad intra* – no que se refere aos evangelizadores – obteve menos preocupação. Por que não saímos? Qual o problema? Importa voltar-se a perguntar pelo *sensus fidei* não somente dos outros (destinatários), mas das lideranças cristãs e seus pastores (evangelizadores/as). A evangelização dos evangelizadores. Advertência proferida há mais de meio século, pelo Papa Paulo VI, quando afirma: no fundo o primeiro destinatário da evangelização é a própria Igreja (EN 15). O teólogo Vitor Feller tem criticado o modelo de evangelização que tem marcado a atividade da Igreja por séculos. Nesse, o foco da atividade missionária tem sido colocado demasiadamente no destinatário da evan-

¹ FONTANA, Leandro L. B. Apresentação. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 14.



gelização e pouco no agente, ou nos próprios pastores. Nessa direção, pode-se entender a enfática “conversão pastoral” como o deslocamento do destinatário para o agente.²

1 “Uvas azedas, odres velhos”

“Alegrai-vos e exultai...” (Mt 5,12). Essas são as primeiras palavras de Francisco em sua exortação “sobre a chamada à santidade no mundo atual” (GE 1). “Diz Jesus a quantos são perseguidos ou humilhados por causa dele. O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados” (GE 1). Deus nos quer santos e, para isso, espera que não “nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (GE 1).

Os cristãos são chamados a viver na alegria, não qualquer alegria, mas aquela que passa pela experiência da cruz. Somos cristãos felizes? Sentimos alegria em servir ao projeto de Jesus? Conseguimos glorificar a Deus pelos sofrimentos oriundos do anúncio do Reino de Deus? O seguir Jesus é um fardo pesado ou leve para nós? No testemunho das lideranças cristãs leigas ou consagradas percebemos paixão ou desencanto pela missão?

As perguntas são sempre uma forma de ensaiar um caminho de resposta. Boas perguntas, ou boas respostas são importantes para encontrar soluções diante de qualquer problema. A suspeita é que o seguimento de Jesus se tornou um fardo pesado na vida das pessoas e, como consequência, provocou o desencanto na missão. Os fatos podem ajudar a compreender e expressar o que se busca questionar e encontrar luzes na evangelização. Algumas expressões podem ser usadas para compreender a crise na vivência da fé. Buscam-se descrever frases que são rotineiras entre os cristãos católicos.

Da ‘boca’ das lideranças: “estou cansada”; “gostaria de dar um tempo para mim”; “a comunidade exige muito”; “tenho medo que a comunidade vá prejudicar a relação familiar”; “as pessoas não querem nada com nada”; “quero ver quando passar a nossa geração, ninguém vai assumir mais”; “se não fosse por nós a comunidade deixaria de existir”; “somente meia dúzia que se coloca à disposição para ser lideranças”; “tem que ser sempre os mesmos”.

² FELLER, Vitor G. Entre ação e ativismo pastoral na cidade. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. p. 216-217.



Da ‘boca’ dos os sacerdotes: “agora, começar o ano fazendo as mesmas coisas”; “a pastoral é sempre a mesma”; “não conseguimos manter nem as estruturas, imagina fazer algo novo”; “as reuniões não constroem nada”; “as lideranças estão ficando velhas e diminuindo”; “vou fazer o básico”; “na teoria é bonito, mas na prática é diferente”; “a pastoral é somente de papel e taxas para cúria”; “a Igreja perde muito tempo com as estruturas”; “estamos ficando velhos e nada mudou na evangelização”; “não tenho tempo para nada – agenda sempre cheia”; “a vida está uma correria”; “ninguém mais tem tempo para viver a fé em comunidade”; “não adianta elaborar planos de pastoral”; “nos encontros dos padres se fala sempre a mesma coisa e não muda nada”; “participo das reuniões dos padres para não receber observação do bispo”; “vou cuidar apenas da minha paróquia”; “estou envelhecendo e tenho medo de morrer desencantado”.

Essas questões colocadas, assim, de forma direta, podem causar calafrios, mas quando bem compreendidas ajudam a diagnosticar o esfriamento e apatia pastoral. Os reclamos são frutos de uma experiência cristã que pastores e lideranças receberam no processo de catequese e que não correspondem aos atuais desafios. Uma experiência que se tornou deficitária. Na prática, essas questões revelam lacunas na formação teológica, eclesiológica, antropológica e pastoral.

Dentro desse horizonte a impressão é de que o ativismo pastoral, ou o desencanto na missão é sinal de esterilidade espiritual. Daí que, segundo Salvador Valadez Fuertes, “a origem de nossos cansaços não é o muito que fazemos, mas o que deixamos de fazer, ou melhor, o que deixamos de ser: homens e mulheres cheios do Espírito de Deus”.³ Certamente estamos aqui diante do desafio de reconstituir a espiritualidade pastoral, que pode ser assim definida:

é o conjunto de convicções de fé (o que se crê), opções (o que se quer), atitudes (o que se vive) e valores que animam todo agente de pastoral no desempenho de seu trabalho e o capacita a vivê-lo como experiência de Deus e realizá-lo no Espírito de Jesus Bom Pastor.⁴

A falta de espiritualidade relaciona-se com ausência de paixão, de encanto, de elã, de encontro com o mistério de Deus. Em suma, de crise

³ VALADEZ FUENTES, Salvador. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008. p. 25.

⁴ VALADEZ FUENTES, 2008, p. 22.



de identidade do próprio ser, ou de esquizofrenia espiritual-pastoral. O evangelizador “vende” o que vive; “ninguém dá o que não tem”, diz o ditado popular.

1.1 Conversão pastoral: limpar a ‘eira’ produz frutos

O Concílio Vaticano II (1965) destacou a pastoral e a ação evangelizadora da Igreja para que esta seja sinal de Cristo no mundo.⁵ Os bispos latino-americanos, por meio do *Documento de Aparecida*, reconhecem que a pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico. Assim, as transformações sociais e culturais comportam novos desafios, implicam a necessidade de renovação eclesial que se traduz como uma “conversão pastoral” (DA 367).

A conversão pastoral tem repercutido nos debates e reflexões pastorais como um desafio irrenunciável. Há a convicção da necessidade de superar uma pastoral de manutenção e se abrir a uma pastoral decididamente missionária (DA 370). Exige escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29), através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta (DA 366). Passados mais de uma década dessa urgência, urge perguntar-se: a Igreja tem assumido massivamente o processo de conversão pastoral? Muitos se encantam com os gestos, frases, reflexões e o testemunho brilhante do Papa Francisco; mas o que modificou na evangelização da vida cristã?

A expressão conversão pastoral se tornou muito utilizada. O termo conversão é proveniente da palavra grega *metanoia* que significa mudança de mentalidade. Implica, por conseguinte, mudança de comportamento, de atitude, de maneira de ser e de viver. Sendo assim, dito teologicamente significa assumir um estilo de vida de acordo com a vontade de Deus Pai, que cristãmente é configurar a vida segundo Jesus de Nazaré.

Quais são as consequências para os cristãos? Destacamos duas. Uma está no seguimento de Jesus que exige estar disposto a vibrar com a glória e arcar com o peso da cruz. Porque no “*vem e segue-me*” de todos os tempos estão incluídas todas as exigências do seguimento, inclusive a perseguição e o martírio dos cristãos, mas está também o convite para superação das tristezas, dos cansaços e sofrimentos. Ficar de fora desse espírito jesuânico de vida “pode levar os cristãos a refugiarem-se

⁵ Cf. *Lumen Gentium*, n. 15; *Gaudium et Spes*, n. 43.



nalguma falsa espiritualidade” (EG 262). Outra consequência implica em compreender a conversão como mudança teológica. Não é um dar voltas em si mesmo, ou para qualquer direção. Consiste em abandonar o lugar próprio, embora fosse bom, e encontrar Deus ‘ali’ onde ele quer ser encontrado. Para descobrir isso é preciso tomar totalmente a sério a experiência original que Jesus tem de Deus, seu Pai. Porque, como diz Jon Sobrino citando P. Miranda, “a questão não está em se alguém busca a Deus ou não, mas em se o busca onde ele próprio disse que estava”.⁶ Onde Deus quer ser encontrado no mundo de hoje? Esse lugar ou lugares pode estar em assimetria com aquele onde queremos encontrá-lo (Mt 25,31-44).

Por isso, assumir no seio da prática eclesial a “conversão pastoral” é converter-se para o seguimento de Jesus. Trata-se de uma conversão pessoal e comunitária. Emprega-se o termo conversão para indicar uma mudança que deriva da própria experiência de fé. Dizem os bispos em *Aparecida*:

*Esta conversão implica acreditar na Boa Nova, acreditar em Jesus Cristo portador do Reino de Deus, em sua irrupção no mundo, em sua presença vitoriosa sobre o mal; acreditar na assistência guia do Espírito Santo; acreditar na Igreja, Corpo de Cristo e prolongamento do dinamismo da Encarnação.*⁷

Para Francisco a “conversão pastoral” nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja.

*Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de “feridos” que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.*⁸

Entrar pela porta da misericórdia do Evangelho, seguramente não significa mudar os princípios, regras e normas da tradição cristã, mas

⁶ SOBRINO, Jon. O seguimento de Jesus como discernimento cristão. *Concilium*, n. 139. 1978/9. p. 20.

⁷ PAPA FRANCISCO. *Discurso no encontro com o episcopado brasileiro durante a JMJ, 27/07/2013*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>.

⁸ PAPA FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre no Encontro com o Episcopado Brasileiro*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 54.



também não se pode ignorar que “na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e práxis, mas isto não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela” (AL 3).

Quando a misericórdia se torna o critério do agir das pessoas responsáveis pela evangelização da Igreja, os frutos são de leveza salvífica e não menos libertadores. Porque, segundo João Décio Passos, “antes da norma, a misericórdia. Na interpretação da norma, a misericórdia. Na aplicação da norma, a misericórdia. Em todo momento, o discernimento, caminho permanente a ser percorrido entre a norma e a vida, a objetividade e as subjetividades”.⁹

A Evangelii Gaudium explicitou as consequências dessa conversão:

A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

Para responder a esse desafio faz-se necessária, portanto, uma conversão a começar pelas lideranças cristãs e sacerdotes que estão na dianteira na vida das comunidades. Isso porque na compreensão de Leomar Brustolin:

alguns vivem o cristianismo de forma sacramentalista sem deixar que o evangelho se traduza em compromissos éticos e públicos. Outros perderam o sentido do discipulado e se acomodaram em configurações anacrônicas de um cristianismo que perde sua força missionária.¹⁰

1.2 Exame de consciência: olhos bons iluminam todo o corpo

Tomamos a metáfora do olho para refletir sobre a necessidade de a Igreja olhar-se sempre com o objetivo de deixar seu ‘corpo fitness’ no caminho de Jesus. O olho é o “filtro” da luz do corpo. Quando alguém olha (raciocina e pensa) de maneira perversa, vê todas as coisas sob essa

⁹ PASSOS, João D. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 35.

¹⁰ BRUSTOLIN, Leomar. Cultura urbana e conversão pastoral. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. p. 144.



ótica. Um olhar bom, bem orientado, faz o corpo ficar repleto de luz, vê a realidade de acordo com a sabedoria e a profecia. “O olho é um leme, uma orientação, um rumo para o corpo, para a razão e para a moral”.¹¹ No livro do Apocalipse, João narra a experiência mística com Jesus dizendo “seus olhos como chama de fogo” (Ap 1,14). Os olhos de fogo, ou incandescentes, penetram todas as realidades; nada fica indiferente ao olhar misericordioso do Cordeiro imolado. É Jesus que passou pela experiência da crucificação, que está agora *de pé*, não para condenar, ou julgar os verdugos, mas para fazer emergir – revelar a verdade da história – muitas vezes ocultada e/ou distorcida pelos poderosos.

Com o olhar fixo em Jesus, a Igreja caminha e confessa seus pecados. Confessar os pecados não é sinal de pequenez, mas de grandeza, de acordo com o Evangelho. Pedro ao reconhecer-se pecador não foi jogado fora, excluído do grupo, como alguém sem condição de anunciar o Evangelho, mas acolhido e confiado à missão de apascentar as ovelhas (Jo 21,15-18).

Nessa direção urge perguntarmos: como Igreja, reconhecemos nossos pecados no processo de evangelização? A fraqueza e coragem de Pedro – alicerce dos apóstolos – continuam sendo rocha firme para examinar a consciência do agir eclesial? Sob a ação do Espírito Santo a Igreja peregrina busca discernir, em cada contexto e sempre de modo atual, sua missão no mundo. Em razão de sua historicidade, a Igreja necessita sempre de discernimento, conversão e renovação: *Ecclesia semper reformanda*.¹²

O Papa Francisco, sem escrúpulos, propõe no encontro com os bispos do CELAM, um “exame de consciência”, fazendo seis provocações para a “renovação interna da Igreja”.

1. Procuramos que o nosso trabalho e o de nossos presbíteros seja mais pastoral que administrativo? Quem é o principal beneficiário do trabalho eclesial, a Igreja como organização ou o Povo de Deus na sua totalidade?

2. Superamos a tentação de tratar de forma reativa os problemas complexos que surgem? Criamos um hábito proativo? Promovemos espaços

¹¹ MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. 2. ed. Porto Alegre: Plimque, 2016. p. 113.

¹² Conforme deixa claro o decreto *Unitatis redintegratio*, n. 6: “A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”.



e ocasiões para manifestar a misericórdia de Deus? Estamos conscientes da responsabilidade de repensar as atitudes pastorais e o funcionamento das estruturas eclesiais, buscando o bem dos fiéis e da sociedade?

3. Na prática, fazemos os fiéis leigos participantes da Missão? Oferecemos a Palavra de Deus e os Sacramentos com consciência e convicção claras de que o Espírito se manifesta neles?

4. Temos como critério habitual o discernimento pastoral, servindo-nos dos Conselhos Diocesanos? Tanto estes como os Conselhos Paroquiais de Pastoral e de Assuntos Econômicos são espaços reais para a participação laical na consulta, organização e planejamento pastoral? O bom funcionamento dos Conselhos é determinante. Acho que estamos muito atrasados nisso.

5. Nós, Pastores Bispos e Presbíteros, temos consciência e convicção da missão dos fiéis e lhes damos a liberdade para irem discernindo, de acordo com o seu caminho de discípulos, a missão que o Senhor lhes confia? Apoiamo-los e acompanhamos, superando qualquer tentação de manipulação ou indevida submissão? Estamos sempre abertos para nos deixarmos interpelar pela busca do bem da Igreja e pela sua Missão no mundo?

6. Os agentes de pastoral e os fiéis em geral sentem-se parte da Igreja, identificam-se com ela e aproximam-na dos batizados indiferentes e afastados?¹³

Finaliza esse diagnóstico afirmando: “aqui estão em jogo *atitudes*. A conversão pastoral diz respeito, principalmente, às atitudes e a uma reforma de vida”.

Encontramos nessas questões um diagnóstico crítico do Papa Francisco em relação à prática pastoral dos pastores. Trata-se de um conjunto de perguntas que esclarecem os problemas de base da evangelização. Das questões apontadas, chamamos atenção para uma delas, que avaliamos pertinente no atual contexto de caminhada de Igreja: a relação dos pastores com os leigos/as na missão da Igreja. Qual o lugar e o protagonismo dos leigos/as? Os leigos/as precisam ser reconhecidos pela dimensão batismal e, conseqüentemente, ter espaço de maior atuação na Igreja.

O Concílio Vaticano II exorta:

Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia, intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios

¹³ PAPA FRANCISCO. *Discurso no encontro com o episcopado brasileiro durante a JMJ*, 27/07/2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>.



*problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres.*¹⁴

É fundamental considerar que todos e cada um são protagonistas pela graça do Batismo e chamados a ‘primeirar’, sair na frente como agentes evangelizadores, serem sujeitos no processo de saída e de renovação permanente da Igreja (EG 21).

É preciso realçar e compreender que o povo de Deus exerce seu protagonismo eclesial como missão inerente a sua própria condição de batizados e não como auxiliares, ou delegados de seus pastores. Perspectiva esta confirmada por Dom Cláudio Hummes: “Essa vocação e missão dos leigos não é uma concessão do clero, mas lhes advém do próprio Jesus Cristo”.¹⁵ Na mesma esteira, afirma João D. Passos: “Os pastores não estão acima e não podem ser controladores do protagonismo, mas incentivadores do rebanho, como fiel cuidador e incentivador do protagonismo”.¹⁶ É missão dos pastores, portanto, facilitar e não bloquear o protagonismo dos leigos/as. “Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo” (DA 213).

Tudo o que esconde ou diminui esse protagonismo deve ser negado como erro eclesial. O clericalismo é o caso mais concreto em nossos dias. Contra essa doença eclesial, Francisco não poupa as mais severas críticas: “excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões” (EG 102). “O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos”; “Na Igreja, as funções não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros”; “Uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos”; A pedra de toque que procede do sacramento da Eucaristia, pela autoridade consagrada é “sempre um serviço ao povo” (EG 104).

¹⁴ *Apostolicam Actuositatem*, n. 10; *Lumen Gentium*, n. 33.

¹⁵ HUMMES, Cláudio. Igreja e mundo à luz da *Lumen Gentium*. BRUSTOLIN, Leomar A. *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. p. 93.

¹⁶ PASSOS, João D. *Método teológico*. p. 81.



2 O cheiro das ovelhas e o perfume do evangelho

O Papa Francisco tem se mostrado uma pessoa de fina percepção das realidades humanas, sensível aos acontecimentos mundiais, com ampla visão sobre os males que afligem as pessoas e a sociedade. Utilizando-se de imagens consegue aproximar o Evangelho e fazer-se entender pelas palavras, e fundamentalmente através do testemunho. Tratando da “transformação missionária da Igreja”, diz que esta deve estar em constante atitude de saída de si mesma para evangelizar com alegria e ousadia evangélica a todos, sem exceção. Assim, “a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz” (EG 24).

É possível afirmar que todas as mudanças devem acontecer “a partir do coração do Evangelho” (EG 178) que é “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 26). Se a evangelização não for motivada a partir disso, “a mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter “o perfume do Evangelho” (EG 39). Exalar esse aroma evangélico para todos os povos é a missão dos cristãos (Mt 28,19).

“Cheiro de ovelha” e “perfume do Evangelho” são termos que revelam profundidade no processo de evangelização. O olfato é um dos sentidos que ajuda a conhecer e experimentar as realidades da vida, do mundo em que vivemos. Um dos sentidos essenciais para que os pastores detectem os ‘cheiros’ ruins das injustiças sofridas pelas ovelhas. Inclusive, existem estudos que defendem a capacidade de experimentar e expressar emoções ligadas ao desenvolvimento da habilidade para processar os odores. Quem perde a capacidade olfativa terá sérias dificuldades para sentir o gosto das coisas, o contato com algumas emoções, com a natureza, e até a intensidade das experiências emocionais.

A missão cristã pode ser análoga ao trabalho do perfumista, que combina os diferentes aromas para produzir o perfume desejado. Não se trata de forjar uma fragrância para impor em oposição ou negação ao “cheiro das ovelhas”. Evangelizar é a capacidade de potencializar o “perfume do Evangelho” que já se encontra ungido nos corações humanos para que Deus receba, aspire e reconheça como seu o mais belo, nobre e agradável odor que o glorifica. É a relação de proximidade que vai



criando afeto, sentimento de pertença e atitude de defesa do seu povo. Quem evangeliza apenas nos espaços virtuais, a partir de ‘gabinetes’, das ‘sacadas’, ou nos ‘aeroportos’ jamais será um “Bom Pastor”, porque não cria intimidade com as ovelhas. Nunca sentirá o “cheiro das ovelhas”, nem exalará o “perfume do Evangelho”. Não deixemos que nos roubem o novo e agradável odor que renova, motiva e revitaliza a caminhada até o Cristo caminho, verdade e vida! (Jo 14,6).

2.1 Vinho novo para uma ação pastoral nova

O agir pastoral precisa olhar atentamente para a configuração das relações entre os humanos, a visão de mundo em transformação, a busca de sentido das pessoas, os valores que alimentam sua existência; e as consequências são os impactos sobre as experiências religiosas. Entre os muitos desafios que impactam a pastoral, um dos mais agudos, segundo o pastoralista Joel Portela Amado, é o da transmissão da fé. “O problema central da pastoral urbana hoje – não o único! –, porém o que exige de nós atenção mais urgente, é o da transmissão da fé”.¹⁷ Os bispos em *Aparecida* fazem esta constatação afirmando:

Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Isso afeta, inclusive, esse núcleo mais profundo de cada cultura, constituído pela experiência religiosa, [...] alcançando inclusive a própria família que, como lugar do diálogo e da solidariedade inter-geracional, havia sido um dos veículos mais importantes da transmissão da fé (DA 39).

A experiência cristã sempre comporta a dimensão missionária. Não tem como ser cristão sem ser missionário. Porque a comunidade cristã não vive de forma isolada em relação ao contexto do mundo, mas encarna-se na realidade para torná-la salvífica. Conforme afirma Leomar Brustolin. “não se trata de um grupo que satisfaz apenas a dimensão religiosa, mas integra toda experiência pessoal, comunitária e social a partir de sua fé em Jesus Cristo”.¹⁸ Significa, como diz Francisco, que “a fé não é um fato privado, uma concepção individualista, uma opinião

¹⁷ PORTELA AMADO, Joel. *Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana*. p. 4. Disponível em: <cedralcg.org.br/cedral/assuntos/arquivos_assuntos/14_491aec437398a.doc>. Acesso em: 26 fev. 2019.

¹⁸ BRUSTOLIN, Leomar. *Cultura urbana e conversão pastoral*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. p. 147.



subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio”.¹⁹ É urgente enfatizar a cultura do encontro (EG 220), como propõe Francisco, para criar proximidade com aqueles que estão afastados, buscando evangelizar as periferias existenciais e sociais que se tornaram indiferentes à mensagem evangélica.

*Quem crê nunca está sozinho; e, pela mesma razão, a fé tende a difundir-se, a convidar outros para a sua alegria. Quem recebe a fé, descobre que os espaços do próprio “eu” se alargam, gerando-se nele novas relações que enriquecem a vida.*²⁰

O caminho do ‘vinho novo’ traz consigo ao menos três desafios para renovar a prática cristã: uma espiritualidade cristã de comunhão, um anúncio querigmático/mistagógico e o resgate do sentido autêntico do domingo cristão.

2.1.1 Uma espiritualidade cristã de comunhão

A espiritualidade cristã é viver segundo o Espírito. Viver conforme o Espírito é, para Galileia, estar orientado “segundo os critérios e as perspectivas de Deus, tal como ficaram encarnadas para sempre na vida e no ensinamento de Jesus”.²¹ Em Jesus encontramos inseparável o amor a Deus e o amor ao próximo (Mt 22,34-40). Essa fusão de amores leva José Castillo afirmar que “a espiritualidade do Evangelho consiste exatamente no fato de que a causa de Deus se funde e se confunde com a causa da vida humana”.²² A consequência: tudo o que nos afasta da vida concreta nos distancia de Deus. E que a comunhão dos filhos se reflete na comunhão de Deus Trindade, porque Deus é comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Um novo ardor missionário não virá dos sofisticados métodos, nem das muitas ações, nem dos planos técnicos, mas de uma vida espiritual dos agentes. Na carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, o Papa João Paulo II, ao falar de uma necessária espiritualidade de comunhão, centrada no mistério da Trindade, adverte:

¹⁹ *Lumen Fidei*. n. 22.

²⁰ *Lumen Fidei*. n.39.

²¹ GALILEIA, Segundo. *O caminho da espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 75.

²² CASTILLO, J. M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 38.



*Não haja ilusões! Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que de vias para sua expressão e crescimento.*²³

A fé cristã configura uma espiritualidade da comunhão. Porque da Trindade Santa, transborda o amor que se manifesta na missão do Filho e do Espírito Santo, enviados do Pai (Jo 3,16). “Os discípulos de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (1Jo 1,3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na “comunhão no Espírito Santo” (1Cor 13,13)” (DA 155). Como descreve Leonardo Boff, “no princípio está a comunhão dos Três, não a solidão do Um”.²⁴

Por sermos a imagem da Trindade que é comunhão, carregamos o impulso para a comunhão com os outros e com Deus. Comunhão que impulsiona o ser humano à superação de mazelas existenciais e sociais. Diante dos inúmeros desafios colocados à fé cristã no mundo atual, destacam-se algumas características, com base no que os bispos disseram na Conferência de *Aparecida*. a). Diante de tantas crises de sentido da vida, “Jesus nos revela a vida íntima de Deus em seu mistério mais elevado, a comunhão trinitária”. b). Diante do desespero de um mundo que vê na morte o final definitivo da existência, Jesus nos oferece a ressurreição e a vida eterna na qual Deus será tudo em todos (1Cor 15,28). c). Diante dos apegos idolátricos dos bens terrenos, Jesus apresenta a vida em Deus como valor supremo: “De que vale alguém ganhar o mundo e perder a própria vida?” (Mc 8,36). d). Diante do subjetivismo, do hedonismo e do desejo consumista, Jesus propõe entregar a vida para ganhá-la, porque quem aprecia sua vida terrena, a perderá (Jo 12,25). e). Diante do individualismo exacerbado, de uma cultura da violência e da indiferença, Jesus convoca a viver, caminhar e fazer comunhão. “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles” (Mt 18,20). f). Diante de um sistema econômico que exclui, descarta e assassina os mais pobres, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. “Eu vim para que todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10) (DA 109-110; 112). g.) Diante de uma sociedade com tanta produtividade e milhões de pessoas morrem de fome no mundo, Jesus convida ao banquete eucarístico – pão em todas as mesas (Mc 6,34-44).

²³ *Novo Millennio Ineunte*. n. 43.

²⁴ BOFF, Leonardo. *A Santíssima trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 23.



Eis algumas das implicações de assumir a comunhão como núcleo da espiritualidade cristã. Sem contar com os inúmeros cristãos que insistem em querer viver a fé sem Igreja, ou mergulhados nas novas buscas espirituais individualistas, sem compromisso social, intrínseco à fé cristã (EG 178). Pode-se, certamente, questionar o perfil das comunidades cristãs, quanto à sua organização, forma de acolhimento, mística celebrativa, falta de comunhão, clericalismo, ritualismos, seu poder transformador, seja ele existencial seja social na vida das pessoas. No entanto, seja qual for o motivo, nada justifica viver fora da comunidade, porque ela é uma realidade salvífica para os cristãos. Assim expressa belamente a *Lumen Gentium*: “Aproveu a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num Povo” (LG 9). Em Aparecida, os bispos afirmam: “A fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial”. “Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa.” (DA 156). Esta visão ficará expressa, com toda a clareza, também com Papa Francisco:

Deus [...] escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe (EG 113).

2.1.2 Uma evangelização querigmática e mistagógica

A primeira consideração que precisamos superar é a de compreender querigma e mistagogia como dimensões separadas e como apenas uma etapa do processo de evangelização. Mistagogia, antes de ser a última etapa do processo da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, é sua característica maior, do mesmo modo que “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discipulado de Jesus Cristo” (DA 278).

Mistagogia se refere ao ato de conduzir alguém ao mistério, revelado em Jesus Cristo. Refere-se a tudo aquilo que conduz ao encontro com Cristo, que gera experiência de fé, conversão, discipulado, missão. Todas essas dimensões são canais de encontro e de experiência. Querigma



é a proclamação da Pessoa de Jesus Cristo, seu amor salvífico que não pode ser feito descuidadamente de qualquer modo, sob o risco de não ser ouvido nem experimentado. Por isso, a proclamação do querigma traz acoplada a exigência da mistagogia, o que prova a relação inseparável entre ambas, comparável à relação entre palavra e som.

Muitas são as expressões do agir eclesial desprovido do querigma. Por isso, para os bispos,

*o querigma não é uma propaganda para ganhar visibilidade. Alguns têm denominado de querigma, por exemplo, um anúncio que se limita a um reavivamento religioso, uma busca por milagres, sem compromisso profético e sem o seguimento.*²⁵

Na compreensão de Vitor Feller, o caráter mistagógico significa “a introdução aos mistérios divinos, a iniciação às coisas sagradas, o discipulado evangélico”. Através da mistagogia,

*a Igreja ajuda as pessoas a entrar no caminho de Jesus, a ouvir sua palavra, a experimentar a beleza e compromisso dos sacramentos cristãos, a vivenciar a riqueza da santa Eucaristia, a deixar-se possuir pelo Espírito divino, a praticar e propagar a cidadania batismal”.*²⁶

Essa vivência mistagógica conduz conseqüentemente a um processo de conversão permanente na vida em Cristo, que abarca a integralidade da vida cristã. Sem rodeio, Francisco diz que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social” (EG 177). O compromisso com os outros não constitui, portanto, uma decorrência externa da fé, mas nasce de dentro da própria fé cristã. Por essa razão, “confissão de fé” e “compromisso social” (EG 178) são dois lados da mesma vivência da fé.

Há que reconhecer no processo de evangelização que essa via do querigma e da mistagogia se encontra em grande déficit na experiência cristã. A maioria, inclusive dos pastores e responsáveis de condução da Iniciação à Vida Cristã (IVC), não bebeu dessa fonte. Formados em outro contexto e com outras experiências marcadamente catequético-doutrinárias, sentem dificuldade de trilhar o caminho IVC, o que vislumbra um campo estranho diante do novo cenário que obriga a repensar a

²⁵ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã*. n. 156.

²⁶ FELLER, Vitor G. *Entre ação e ativismo pastoral na cidade*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. p. 217-218.



formação da fé. As resistências são muitas, porque exigem dos pastores um “nacer de novo”, como foi proposto por Jesus a Nicodemos. Nascer pela ‘segunda vez’ é mais difícil, porque precisa quebrar as marcas do ‘primeiro’ nascimento. *Iniciados* ou *reiniciados* para *iniciar*, eis o desafio premente. O caminho que urge, portanto, é construir um processo formativo para que todos (pastores e batizados) passem pela mesma porta estreita da IVC, porque grande e pesada é a porta do *sempre foi assim* na ação pastoral.

Nessa direção está o itinerário do ‘novo nascimento’ que desafia a todos, inclusive as novas gerações de pastores. Por isso, o processo de discernimento vocacional que acontece durante os anos de formação dos jovens no Seminário, deve servir também para iniciá-los na experiência da IVC. Esse caminho precisa de novas vocações que aceitem não sabendo ainda aonde vai levar este caminho. Somente se sabe que o Cristo está onde estão os mais pobres, e que a capacidade de abraçar a Deus na sua alteridade absoluta cresce na proximidade com os outros.

2.1.3. Resgatar o sentido do domingo cristão

Hoje, praticar realmente o domingo e as festas que a fé propõe é ser profanador da sacralidade do mercado, de economia tornada bezerro de ouro, da sacralidade da propriedade e do consumismo. No entanto, o domingo enquanto evento teológico atua como sinal profético no seio dessa realidade social. A fé cristã provoca uma interrupção do peso da *religio* dos sistemas que obrigam baixar a cabeça e silenciar o canto. Porque a fé cristã na ressurreição de Jesus abre espaço para viver a liberdade de quem caminha, canta, vive em comunidade, entra na dimensão lúdica e eucarística dos gestos gratuitos sem pretender produzir nada. Marcado pela leveza do tempo, do encontro onde todos se saúdam como “irmãs e irmãos”, sonham com a fraternidade universal e através dos sinais antecipa-se a realidade do Reino de Deus.²⁷

Esses elementos configuram o sentido cristão, que impulsiona a celebrar o domingo mais além do calendário semanal, hoje praticamente extinto dentro da lógica capitalista. Os bispos em *Aparecida* falaram da “grande importância do preceito dominical de ‘viver segundo o domingo’

²⁷ SUSIN, Luiz C. Aspectos teológicos dos fenômenos da secularização e do pluralismo cultural. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana*: porta para o evangelho. p. 105-106.



como necessidade interior do cristão, da família cristã, da comunidade paroquial”. Da importância de promover a “pastoral do domingo” (DA 252) e de

denunciar a mentalidade neoliberal que não vê no pai de família mais do que um instrumento de produção e ganância [...]. A crescente prática de políticas públicas e iniciativas privadas de promover inclusive o domingo como dia de trabalho, é uma medida profundamente destrutiva da família e dos pais (DA 463).

Ao resgatar o sentido do domingo, o cristianismo age na história com teor profético que atualiza na força da ressurreição a vitória da vida sobre a morte. O desejo de libertar os oprimidos de suas opressões, de virar as ‘pedras’ dos túmulos dos inocentes para que a vida seja celebrada. Dessa forma, revela que o amor é mais forte do que a morte e que os verdugos não triunfam sobre as vítimas. No domingo, portanto, resplandece a verdadeira religião, que como disse São Tiago: “A religião pura e sem mancha diante do Deus e Pai é esta: assistir os órfãos e as viúvas em suas dificuldades, e guardar-se livre da corrupção do mundo” (Tg 1,27). Ou conforme Francisco: “O nosso culto agrada a Deus quando levamos lá os propósitos de viver com generosidade e quando deixamos que o dom lá recebido se manifeste na dedicação aos irmãos” (GE 104).

Muito de idealismo? Diríamos que se trata de utopia, mas verdadeira, porque se origina em Jesus crucificado-ressuscitado que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10,38). Por isso, atualizando as palavras do profeta Miqueias, resgatar o domingo cristão poderá significar: “pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” (Mq 6,8). Plataforma irrenunciável para que aconteça a profecia do Apocalipse. Em plena praça da cidade, todos debaixo do mesmo sol que é Deus mesmo, sol que brilha na lâmpada que é o Cordeiro inocente em pé no centro da praça (Ap 21). Praça sem portas e chaves, que como coração grande de mãe, hospeda a multiplicidade de povos, línguas e nações formando o arco-íris da comunhão.

Conclusão

“Vinho novo em odres novos”, propõe Jesus para seus seguidores. Tanto ontem como hoje a novidade sempre exige a capacidade de arriscar na firme convicção de que Jesus nunca nos decepciona. A fé cristã é sempre um caminhar rumo ao melhor que está por vir. A terra



prometida, o novo céu, a Jerusalém celeste, a pesca abundante, o Reino de Deus, a parusia do vinho novo... Tudo isso está na *frente*, como promessa que compromete os cristãos a viverem na história o que esperam (Hb 11,1). “Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido, rumo às periferias e aos confins” (GE 135).

No horizonte dessa reflexão, a grande periferia é a prática pastoral – o ardor missionário – a iniciação à vida cristã (IVC) – que se tornou periférica e clama por salvação/libertação. As reflexões, os documentos²⁸ e os investimentos por parte dos pastores, em relação à IVC, demonstram preocupação e, também, revelam a confiança nesse caminho para transformar os batizados/as em discípulos/as missionários/as.

O objetivo proposto nesse texto percorreu duas direções fundamentais. Por um lado, sinalizar a crise vivida na prática pastoral – a predominância ainda do ‘vinho velho’ – que marca infelizmente a experiência cristã amarga de muitas pessoas no seio da Igreja. Por esse motivo urge a necessidade de conversão pastoral, mas fundamentalmente que ocorra a partir de *dentro* para chegar à altura da renovação proposta pelo Papa Francisco da Igreja em saída. É imperativo, nesse caminho, um exame de consciência sério que questione o engessamento pastoral, os ativismos sem alma, e a falta de ardor missionário. Por outro lado, retoma-se o caminho aberto por Jesus – perfume da evangelização – que com a presença do Papa Francisco se torna o paradigma da Igreja em saída. Um Evangelho que conduz a uma espiritualidade de comunhão. A proposta da IVC como um chamamento coletivo inadiável para que os batizados sejam configurados a Cristo, por meio do anúncio do querigma e na experiência mistagógica. O resgate do domingo como sinalizador da importância da comunidade cristã e sinal profético de denúncia no seio de uma sociedade sem ‘domingo’, sem gratuidade. Dessa maneira, conscientes dos apelos de Deus na história, perceber os ‘sinais dos tempos’ e responder aos desafios do mundo contemporâneo.

Se poderemos, algum dia, chegar a degustar o “vinho novo em odres novos”, como propôs Jesus – e fizemos referência no início do texto –, é ainda uma pergunta sem resposta. No entanto, a esperança que advém dessa encruzilhada se lança como um compromisso inadiável

²⁸ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários (Doc. 107).



para a missão da Igreja. Compromisso de afirmação pastoral com Cristo, ou ainda, da busca do significado mais profundo da fé.

Referências bibliográficas

BRUSTOLIN, Leomar. *Cultura urbana e conversão pastoral*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2018.

BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

CASTILLO, J. M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012.

CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: CNBB, 2017.

FELLER, Vitor G. *Entre ação e ativismo pastoral na cidade*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2018.

FONTANA, Leandro L. B. *Apresentação*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2018.

GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1985.

HUMMES, Cláudio. *Igreja e mundo à luz da Lumen Gentium*. BRUSTOLIN, Leomar A. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. 2. ed. Porto Alegre: Plimque, 2016.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2018.

_____. *Gaudete et Exsultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.



PAPA FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre no Encontro com o Episcopado Brasileiro*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. Discurso no encontro com o episcopado brasileiro durante a MJM, 27/07/2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>.

PASSOS, João Décio. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018.

PORTELA AMADO, Joel. *Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana*. Disponível em: <catedralcg.org.br/catedral/assuntos/arquivos_assuntos/14_491aec437398a.doc>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SOBRINO, Jon. O seguimento de Jesus como discernimento cristão. *Concilium*. Petrópolis, n. 139, p. 17-27, 1978/9.

SUSIN, Luiz C. *Aspectos teológicos dos fenômenos da secularização e do pluralismo cultural*. BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. B. (Orgs.). *Cultura Urbana: porta para o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2018.

VALADEZ FUENTES, Salvador. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus; Paulinas 2007.

